

## O OUTRO BAKUNIN 1837-1868

*René Berthier*

Em 1991, o *Monde Libertaire* (revista da Federação Anarquista Francesa) publicou minha *Bakounine politique*. Na verdade, era apenas a terceira parte de um trabalho maior dedicado ao Bakunin, dividido da seguinte forma:

- As fontes filosóficas do pensamento de Bakunin;
- A filosofia da história;
- A ação.

Esta terceira parte foi ela mesma amputada, por razões técnicas, de um capítulo sobre “A guerra franco-prussiana de 1870, a Comuna e a liquidação da AIT, que só foi publicado em 2022 pela Intermezzo Editorial, com uma tradução de Plínio Coelho.

A origem deste trabalho, iniciado em 1988, vem de um evento perfeitamente fortuito. Eu havia folheado a coleção de textos filosóficos de Marx e Engels publicados pela Éditions sociales (editora do Partido Comunista Francês) e li a nota biográfica sobre Bakunin no final do volume. Dizia que o revolucionário russo estava “sem nenhum treinamento teórico”, o que me irritou um pouco. Eu sabia desde meu tempo no “Centre de sociologie libertaire” de Gaston Leval, um conhecedor de Bakunin, que o revolucionário russo tinha uma formação hegeliana.

Então, comecei a escrever um texto para provar o contrário. Minha intenção não era ir além de uma brochura de dez ou vinte páginas. Eu me vi envolvido em um caso quase interminável. Eu havia puxado o pedaço de lã que estava saindo e o tricô inteiro saiu.

É verdade que ao lê-lo, se percebe que ele às vezes falava do grande filósofo alemão. Então, comecei a ler Hegel<sup>1</sup> e descobri que todo o pensamento do Russo estava impregnado de sua filosofia. Depois foi Fichte, Kant, Feuerbach, Spinoza, Descartes... Bakunin não é um autor que borrija seus textos com citações, mas o pensamento desses filósofos, e especialmente Hegel, está lá, permanentemente, entre as linhas, e é preciso saber como localizá-los. Hegel permeia literalmente todo o pensamento de Bakunin, no que eu chamaria de uma forma “subliminar”.

No final dos anos 90, comprometi-me a continuar o trabalho iniciado em 1988, ou seja, tornar inteligíveis as idéias do grande revolucionário, cuja exposição está dispersa em sua obra e nunca sistematizada. Os autores que escreveram sobre Bakunin estavam mais interessados à sua vida aventureira do que na análise de seu pensamento.

Muitos autores, não menos importantes, ignoram o fato de que Bakunin nem sempre foi um anarquista! De fato, ele era anarquista durante os últimos oito anos de sua vida. O resto do tempo, ele foi “outra coisa”. Esta “outra coisa” tinha que ser destacada e analisada.

O trabalho iniciado em 1988 finalmente encontrou sua concretização sob a forma de três livros (em francês), que foram postos on-line em 2010 sob o título geral de “L'autre Bakounine” (O Outro Bakunin), uma referência ao fato de que antes de ser anarquista já havia um Bakunin que fora muito ativo:

- Première partie: 1837-1847, *Du conservatisme à la révolution démocratique*. <http://monde-nouveau.net/spip.php?article79>
- Deuxième partie: 1848-1961, *Allemagne et question slave*. <http://monde-nouveau.net/spip.php?article170>
- Troisième partie: 1861-1868: *De la révolution démocratique à la révolution sociale*. <http://monde-nouveau.net/spip.php?article171><sup>2</sup>

(Respectivamente:

<sup>1</sup> *Fenomenologia do Espírito, Ciência da Lógica, Enciclopédia das Ciências Filosóficas, Elementos da Filosofia do Direito, Introdução à história da filosofia, Lições sobre a filosofia da história...*

<sup>2</sup> Todos os três documentos podem ser obtidos em formato papel no site <https://www.lulu.com/>

1837-1847, Do conservadorismo à revolução democrática;  
1848-1961, Alemanha e a questão eslava;  
1861-1868: Da revolução democrática à revolução social)

Estes três documentos foram completados por um quarto, que não faz parte da série, mas a completa de certa forma. Estes são textos publicados na imprensa sueca durante a estadia de vários meses da Bakunin no país, na esperança de poder participar da insurreição sueca de 1863:

*Bakounine, Trois textes sur la question slave*,  
<http://monde-nouveau.net/spip.php?article172> (Bakunin, Três textos sobre a questão eslava,)

A possibilidade de trabalhar com o CD-Rom das obras de Bakunin publicado pelo Instituto Internacional de História Social em Amsterdã foi uma facilidade inimaginável vinte ou trinta anos atrás.

Devo acrescentar que a publicação em 2007 do livro de Jean-Christophe Angaut : *Bakounine jeune hégélien, la philosophie et son dehors*<sup>3</sup>, me causou uma alegria intensa. Fiquei particularmente feliz ao ver que um jovem acadêmico (é claro que hoje em 2023 ele é um pouco menos jovem...), um doutor em filosofia muito mais competente do que eu, está dedicando-se ao pensamento de Bakunin.

O objetivo deste trabalho é colocar o pensamento e a ação de Bakunin em perspectiva. De fato, raramente se leva em conta que o revolucionário russo só se tornou um “anarquista” por volta de 1868 e que, tendo morrido em 1876, a doença o tornou mais ou menos inativo durante os dois últimos anos de sua vida. Foi preciso uma longa maturação para chegar ao pensador e homem de ação que a imagem nos apresenta como o anarquista típico, o adversário de Marx na Associação Internacional dos Trabalhadores, o revolucionário romântico e confuso, etc. Portanto, há outro Bakunin, o de antes, que é pouco conhecido. É este Bakunin que queremos apresentar.

Marx foi um “marxista” desde o início. Dos *Manuscritos de 1844* ao *Capital*, seu pensamento certamente sofreu evoluções, uma maturação, mas durante um período de quarenta anos, ele é permanentemente identificado como comunista. Bakunin foi apenas um anarquista durante seis a oito anos, mas muitos comentaristas parecem ignorar isso e analisar seus escritos como se o revolucionário russo tivesse caído no pote anarquista ao nascer: não tivesse problemas, neste caso, levantando as supostas inconsistências de seu pensamento. O mínimo que se pode dizer é que durante este período “pré-anarquista” ele não permaneceu inativo. Esta atividade não pode ser definida como anarquista, mesmo que estivesse constantemente tingida de preocupações sociais e, mesmo que se possa jogar o jogo estéril de procurar “sinais” de seu pensamento anarquista final em seus escritos de juventude.

Explicar o conteúdo teórico do pensamento de Bakunin, no entanto, apresenta certas dificuldades. Depois de 1842, a natureza de seus escritos não é teórica, está sempre ligada a uma atividade militante frequentemente premente: referências culturais, especialmente filosóficas, raramente são explícitas e geralmente é preciso ler nas entrelinhas para encontrá-las.

As condições em que Marx e Bakunin viviam eram radicalmente diferentes. Enquanto Marx viveu a maior parte de sua vida de forma sedentária, o que lhe permitiu produzir um trabalho teórico sistemático marcado pela continuidade, Bakunin foi transportado fisicamente por todas as estradas da Europa, Rússia e América; ele também seguiu uma evolução intelectual que o levou do conservatismo filosófico no final dos anos 1830 ao anarquismo através de vários períodos intermediários.

Os escritos de Bakunin são textos ditados pelas circunstâncias: cartas, circulares, conferências, discursos. Há muito poucos escritos teóricos como tais: um artigo publicado por Arnold Ruge em 1842, um estudo sobre Feuerbach escrito em 1845, mas cujo texto se perdeu. Os escritos do período politicamente ativo não foram escritos no silêncio de uma biblioteca, levando tempo para refletir. Mesmo os dois textos fundamentais *O Império knuto-Germânico* e *Estatismo e Anarquia* não foram escritos em circunstâncias favoráveis. Também deve ser considerado que muitos dos

---

<sup>3</sup> Publicado em 2007 pela ENS éditions (École normale supérieure de Lettres et Sciences sociales de Lyon).

escritos foram destruídos ou perdidos. Entretanto, quando olhamos a obra de Bakunin como um todo, podemos ver:

- que ele tem constantemente uma intenção teórica subjacente, que é atravessado por uma vontade de elevar o assunto a uma dimensão global e teórica;
- que possui uma coerência interna na medida em que não se misturam os sucessivos períodos de evolução de seu pensamento;
- e, sobretudo, que se caracteriza por uma verdadeira intenção pedagógica.

É tentador ligar o estudo do pensamento de Bakunin com o de Marx, constituindo assim uma espécie de casal infernal e maniqueísta. A história da oposição entre os dois homens já foi feita pelos partidários de ambos os lados e não se trata de fornecer um novo avatar. A contribuição de Bakunin constitui um todo que é suficiente em si mesmo e que não precisa ser definido em relação a ou em oposição a Marx. Nossa intenção não é catalogar as diferenças entre os dois homens, mas mostrar como essas diferenças têm sua origem em um fundo teórico comum: a surpreendente identidade de suas análises em muitos domínios vem de sua formação filosófica comum, o que, no entanto, os leva a conclusões políticas que, na maioria das vezes, são opostas. Em suma, não se trata de dois pensamentos radicalmente alheios um ao outro. Entretanto, desde o primeiro “trabalho prático” no qual ambos os homens foram capazes de desenvolver a atividade política – a revolução de 1848 na Alemanha – houve diferenças fundamentais de abordagem (ver o segundo volume deste trabalho, *Alemanha e a Questão Eslava*)

Sete fases claramente definidas podem ser distinguidas na evolução do pensamento político de Bakunin:

- I. 1835-1840. – Seguidor da filosofia de Fichte, depois da de Hegel, Bakunin é um conservador na política.
- II. 1840-1842. – Estudos de filosofia em Berlim, transição do conservadorismo para um ponto de vista democrático. Descoberta do socialismo.
- III. 1842-1848. – Rejeição da filosofia, associação com os radicais alemães, agitação revolucionária em relação aos eslavos.
- IV. 1848-1849. – Participação na revolução de 1848 em Paris, Praga e Dresden, defesa da causa eslava.
- V. 1850-1861. – Prisão, deportação para a Sibéria, fuga.
- VI. 1862-1867. – Retomada da atividade de emancipação eslava; Bakunin se envolve gradualmente no movimento dos trabalhadores na Itália.
- VII. 1868-1876. – O próprio período anarquista de Bakunin.

A bibliografia dos estudos sobre Bakunin é fornecida pelo artigo de Arthur Lehning, “Bakunin e historiadores”, em *Bakounine, Combats et débats* (Bakunin, combates et débats), publicado pelo Institut d'études slaves. A biografia de Max Nettlau e o livro de James Guillaume são textos básicos baseados em documentos que os autores coletaram. A biografia de Madeleine Grawitz é mais recente e fornece interessantes desenvolvimentos sobre um aspecto pouco estudado da vida de Bakunin, o episódio em Lyon. Uma conhecida especialista em psicologia política, Madeleine Grawitz oferece algumas hipóteses interessantes sobre Bakunin.

As contribuições em *Bakounine, combats et débats* tratam de questões muito “específicas” e aspectos muito parciais da obra de Bakunin. As exceções são o artigo de Marc Vuilleumier, “Bakunin e o movimento dos trabalhadores de seu tempo” e o artigo de Miklos Molnar e Marianne Enkell, “Bakunin e a política internacional”.

Marc Vuilleumier quer mostrar que se Bakunin foi capaz de fazer previsões extraordinariamente agudas, permanece no entanto que “a própria dialética da história” (*sic*) significa que certos teóricos, inspirados em “concepções herdadas do passado” (leia-se: Bakunin), parecem em certos pontos ser mais perceptivos do que aqueles cujas análises mais profundas e completas (leia-se: Marx) provam ser uma “ferramenta que ainda é válida hoje”. Em suma, Bakunin está errado para estar certo, Marx está certo para estar errado. Este modo de raciocínio é perfeitamente ilustrativo do pensamento fechado de muitos autores marxistas: no entanto: ele nos convida a questionar aquelas “concepções herdadas do passado” que levam Bakunin a fazer observações que até seus oponentes reconhecem como perspicazes (por exemplo, os conceitos de “burocracia vermelha”, “socialista burguês”, etc.).

Menciono apenas de passagem o livro de Jacques Duclos, secretário geral do Partido Comunista Francês: *Bakunin Marx ombre et lumière* (Plon, 1974). Este

livro, cujo maniqueísmo é óbvio, é uma vergonha para a inteligência, mas ilustra perfeitamente os tradicionais clichês marxistas sobre Bakunin.

O caso mais interessante da crítica “marxista” a Bakunin é sem dúvida o de Maximilien Rubel, na coleção de artigos reunidos sob o título de *Crítica Marxista do Marxismo: “Marx, teórico do anarquismo”*, (<https://www.marxists.org/portugues/rubel/1973/10/40.pdf>), do qual escrevi uma crítica em 2010: “L’anarchisme dans le miroir de Maximilien Rubel” (Anarquismo no espelho de Maximilien Rubel): <http://monde-nouveau.net/spip.php?article260>

Uma análise sistemática das posições de Rubel sobre o revolucionário russo revela uma total ignorância de suas idéias: o Sr. Rubel meramente repete, sem qualquer crítica e em segunda mão, tudo o que Marx e Engels disseram sobre Bakunin. Todos os clichês estão lá. Descobre-se assim uma surpreendente semelhança no método de abordagem entre Jacques Duclos e Maximilien Rubel, sobre este ponto preciso. Não se deve ter lido Bakunin para considerá-lo um panslavista ou para fazer uma amálgama de textos de uma época em que ele não era anarquista e de textos de seu período anarquista.

Maximilien Rubel também publicou um artigo sobre o Estatismo e Anarquia de Bakunin no Dicionário de Obras Políticas em 1986. Obviamente, o tom muda, e este artigo revela uma leitura verdadeira do livro de Bakunin. Mas será que Rubel nega o que ele já escreveu antes?

O exame do artigo no Dicionário de Obras Políticas nos leva a comentários que não são menos críticos. De fato, parece que Rubel reteve de Bakunin apenas as passagens onde ele fala de Marx. Naturalmente, Estatismo e Anarquia não se trata apenas de Marx, longe disso: é também um livro no qual são expostas concepções não desinteressantes de geopolítica, e muitas outras coisas. Percebe-se que o tema de Rubel não é de fato Bakunin, mas... Marx. Em um artigo sobre uma obra de Bakunin, Rubel conclui falando sobre o grande projeto não realizado de... Marx, que diz muito sobre o assunto que realmente está sendo tratado.

Nesta rápida revisão, escrita em 2010, das obras publicadas sobre Bakunin, deveria ter sido acrescentada toda a produção proveniente do mundo anglófono, que não mencionei,<sup>4</sup> mas também as obras provenientes do Brasil, em particular as de Felipe Corrêa.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Cf. *Bakunin Reading Guide*, <https://libcom.org/article/biographies-and-works-about-mikhail-bakunin-reading-guide>

<sup>5</sup> Cf. Felipe Corrêa, “A bibliographia de Mikhail Bakunin”, <https://www.anarkismo.net/article/16810>